

EDITORIAL

A filosofia surgiu na Grécia antiga, mais precisamente nas colônias gregas da Ásia Menor e do Sul da Itália, então chamada Magna Grécia, entre o final do século VII a.C. e o início do século VI a.C., quando os homens começaram a *pôr em questão* as idéias e crenças relativas ao mundo e à existência humana, tidas como verdadeiras e, ao mesmo tempo, a buscar explicações racionais para o que antes parecia natural. Segundo Platão e Aristóteles a filosofia surgiu quando os homens começaram a olhar as coisas, os acontecimentos, as idéias e as ações de um modo diferente, com a *admiração* (*Teeteto*, 155 d; *Metafísica*, I, 2, 982 b 12-21), reconhecendo então seu não-saber e sentindo necessidade e desejo de superar essa carência. Na verdade, os homens viram-se diante de problemas que não podiam silenciar, nem deixar de interrogar e de trabalhar para instituir idéias e realidades ainda não-vistas, não-pensadas, não-ditas. No início de *O que é a filosofia?*, Deleuze e Gattari a caracterizam como “a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos [...] a disciplina que consiste em *criar* conceitos” e que, portanto, transcende o mundo do sensível, do imediato.

Diferentemente do que ocorre no mundo da prática, da ciência que se firmou a partir do século XVII e da tecnologia que hoje invade o campo da educação, a pergunta *o que é* o mundo, o homem, a autonomia, a liberdade, a cultura, a educação, a formação, a escola, o saber, o pensamento, a ação, o ensinar e o aprender... é constituinte da filosofia. O filósofo pergunta o que faz alguma coisa ser o que verdadeiramente ela é, qual sua natureza, seu sentido. Ao assumir essa atitude de busca, de interrogação, afasta-se da realidade empírica, da esfera da prática, do fazer imediato. Esse afastamento, entretanto, não significa alheamento, alienação, indiferença, desprezo, negação ou recusa da dimensão prática, imediata e sensível do real. Pelo contrário, é condição mesma de elevar-se ao mundo da cultura, dos conceitos, dos argumentos, da compreensão racional, do pensamento, e de estabelecer com o real e o imaginário uma

relação crítica e radical de apreensão de seu sentido primeiro e instituinte, transcendendo assim a esfera da multiplicidade, da visibilidade e da utilidade.

O que define o filósofo é a convicção de que o saber, com o qual estabelece uma *relação intrínseca*, não é uma coisa, uma realidade pronta e não se deixa apropriar. Ele não sabe mais do que os cientistas, não é o dono do saber, nem mesmo um sábio, e por isso resta-lhe cultivar a interrogação, a busca do sentido e da gênese do real, do imaginário, das idéias e da ação, a atitude de permanente provocação à inteligência, à imaginação e à sensibilidade, o que lhe impõe o dever da busca, a abertura ao ser, à verdade e a tudo o que diz respeito ao humano. Ao trabalhar os conceitos, os argumentos e as teses, esse saber vivo e interrogante, esse ver racional, portanto não empírico, mostra aquilo que é e também a esfera do possível como horizonte e exigência da ação. Em vez de um discurso vazio, alienado e frouxo *sobre* o mundo e a sociedade, o pensar do filósofo interroga a existência pessoal e social dos humanos, faz ver o que às vezes nem parece existir, se abre à dimensão do possível, da história, da *práxis*, da superação do que existe, à criação do “inexistente”, do que ainda não existe, mas pode ser, e muitas vezes está sendo, imaginado, examinado, pensado, inventado, criado, produzido.

Na realização de sua busca e em sua afirmação como *lógos, ratio, theoria*, apreensão intelectual das idéias, do real e do imaginário, a filosofia se faz, ao mesmo tempo, distinta e inseparável das coisas do mundo natural e humano e, portanto, da ação, da existência concreta dos homens, da cultura, da educação, da formação. Sem a pretensão de ser a única luz a iluminar a *práxis*, as ações humanas, o mundo da cultura, da educação, da formação e da escola, nem de dirigi-las, ela trabalha para criar uma compreensão rigorosa e crítica do real e do imaginário, de conferir lucidez e transparência à existência, à experiência humana. Como um olhar que não se deixa encantar ingenuamente pela quantidade, os resultados, a eficiência, a eficácia, a produtividade, a filosofia se faz interrogação que busca compreender o pensamento e a ação, o conhecimento e a operação, as idéias e o fazer, o cotidiano, as coisas, bem como ampliar e aprofundar horizontes, ver possibilidades consideradas por muitos inexistentes ou impossíveis de serem realizadas.

Impossível separá-la de sua própria história, da existência humana, da constituição e da afirmação das obras culturais e de tudo o que, em momentos diferentes, de modos e com orientações diversas, torna

presente a mesma força que leva os homens, em sua vida pessoal e coletiva, a desejarem, a buscarem e a viverem a relação com o verdadeiro, o belo, o bom, a autonomia, a liberdade, a excelência, a *areté*.

A educação também é inerente à existência mesma dos homens, uma *práxis* constitutiva e instituinte do humano que se faz presente na existência pessoal e social, em sentido amplo. Vê-la sob a ótica da instrumentalidade, dos objetivos, gerais ou específicos não importa, do produto, do resultado, da eficiência, é negá-la em seu sentido intrínseco, que a faz ser o que ela é, no movimento mesmo de constituição de sua plenitude, autonomia e dignidade. Esse sentido e movimento são condições de possibilidade da educação, sua razão de ser, sua finalidade última.

Como trabalho de formação, de criação do homem que somos e ao mesmo tempo somos chamados a ser de modo pleno, a educação confirma nossa humanidade e realiza, torna real em cada sociedade e na humanidade como um todo aquilo que, por natureza, elas já são desde o início. Negar esse movimento, afastar-se desse rumo, desse sentido, desse trabalho verdadeiramente criador, não é escolher uma alternativa entre várias outras, mas trocar a possibilidade de constituição de uma sociedade de iguais, de seres humanos, autônomos e justos por acordos, negócios, negociações, defesa de interesses que só beneficiam os donos do dinheiro e do poder. É afastar o que do ponto de vista ético e político, no sentido de formação de uma comunidade cívica de iguais, se impõe aos que verdadeiramente querem e assumem o combate à barbárie e a tudo o que degrada os seres humanos. É negar o que cada um, no âmago mesmo da afirmação de sua autonomia e liberdade, inseparável da autonomia e liberdade do outro, se impõe como devendo ser assumido e realizado.

Educar, formar é girar o olhar, a vida, a existência pessoal e coletiva no sentido da excelência, do verdadeiro, do belo, do bom e do justo. Mas esse movimento, esse trabalho, essa conversão somente será autêntica, verdadeira, se realizada com autonomia e dignidade. Se o educador, o professor mostrar aos educandos e estudantes a possibilidade concreta dessa conversão, dessa formação, bem como se tornar para eles a evidência e o testemunho dessa possibilidade, há boas razões para termos esperança, sem pressa, sem ânsia de controle, de contabilidade e de resultados, pois o movimento de conversão quem sabe já se iniciou e certamente algo de novo, de profundo, de belo e bom pode surgir a qualquer momento.

Vivemos num mundo, numa época, entretanto, em que poucos se preocupam, têm o cuidado e assumem duvidar, interrogar, pensar, fazer a crítica rigorosa e radical do já dito e já feito, do que continua sendo dito, repetido, feito e transposto de um país, cidade, situação ou escola para outra, às vezes no mesmo bairro. E, então, não se cria, mas acomoda-se, aceitam-se os modismos, as novidades e tudo o que é passageiro e superficial. Enfim, tomam-se os velhos e repetitivos discursos e a prática ingênua, autoritária, manipuladora e incapaz de dar conta de si mesma, de se pensar, de perguntar por seu sentido e sua gênese, de se recriar, como se fossem as únicas possibilidades da ação, da prática pedagógica e da história. Daí o sentido e a importância da *filosofia* como pensamento vivo e interrogante, inseparável da educação, da formação, da existência concreta dos humanos, bem como o sentido e a importância da *educação* como formação, girar o olhar, e criação de novas formas de ser, de existência dos indivíduos, da sociedade, da humanidade.

Separar o pensamento e a ação, a filosofia e a educação é reduzir a teoria à condição de representação, de sistematização da experiência e dos fatos, de saber sem vínculos intrínsecos com o mundo dos homens, condenando a prática em geral, a educação e a escola ao ativismo, a um fazer que ignora, não pensa seu sentido e gênese, e incapaz de criar, de instituir novas realidades.

Com essas preocupações e cuidados foram pensados, criados e selecionados os quatro artigos que compõem esse *dossiê Filosofia e Educação*, em cujos textos está presente a busca da verdade, daquilo que é, em sentido ontológico e em sua constituição histórico-social. De modos diferentes, todos se situam no mundo do pensamento, da razão, da razão que interroga e procura dar conta do permanente e do mutável, do real e do imaginário, do racional e do irracional, sem perder de vista seu vínculo intrínseco, não imediato nem pragmático, com o mundo da ação, da criação, da invenção, da realização de uma outra educação, de uma outra escola, diferentes das que hoje temos.

ILDEU M. COELHO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UFG